

Malan volta a descartar maxi

O BRASIL foi mais afetado que os países vizinhos porque temos uma das 12 maiores bolsas de valores do mundo, cuja captação é maior que o de todas as outras bolsas sul-americanas somadas. Além disso, o déficit brasileiro é maior que o do México e o da Argentina, ambos na faixa de 1,2% do PIB", explicou o ministro Pedro Malan aos senadores e deputados. Ele disse ainda que o tammannho da economia brasileira está na casa dos R\$ 800 bilhões anuais, sendo que a dívida está em um terço desse valor, "menor que a da maioria dos outros países".

Malan disse ainda que a relação entre a dívida e o PIB brasileiro (34%) está se reduzindo, o que é cada vez mais favorável internacionalmente para a captação de recursos externos, seja investimentos ou empréstimos. Malan voltou a descartar uma moratória ou a maxidesvalorização do real, defendida pelo deputado Lindberg Faria (PSTU-RJ), entre outros. O deputado acusou o minis-

tro de não sentir os problemas dos assalariados, ao que Malan respondeu: "Também tenho problemas para adequar minha vida ao meu salário".

Malan, que deu 80% das respostas aos parlamentares - e foi chamado de senador três vezes por ACM -, defendeu a instituição em nível internacional de um "emprestador de última instância", uma espécie de Banco Central dos bancos centrais nacionais. Segundo ele, a ausência desse mecanismo de socorro agravou os efeitos da crise internacional.

Kandir explicou o "crash" dos financiamentos externos, que afetaram e ainda afetam o Brasil, com a afirmação de que as turbulências provocaram uma desvalorização de ativos na ordem de dois trilhões de dólares. "Durante muito tempo, haverá menos dinheiro em circulação, com os investidores extremamente cautelosos e com grande aversão ao risco", disse o ministro do Planejamento. (S.A.)